

A HIPÓTESE DA PREVALÊNCIA DE CONSTRUÇÕES BIFORMATIVAS EM PROCESSOS CONCATENATIVOS E NÃO CONCATENATIVOS NA FORMAÇÃO DE ANTROPÔNIMOS NEOLÓGICOS NO BRASIL

THE HYPOTHESIS OF THE PREVALENCE OF BIFORMATIVE CONSTRUCTIONS IN CONCATENTIVE AND NON-CONCATENTIVE PROCESSES IN THE FORMATION OF NEOLOGICAL ANTHROPOMINES IN BRAZIL

Autor

Resumo: O estudo que ora se apresenta parte da hipótese de que o fenômeno da neologia antroponímica, característico da língua portuguesa na sua variedade brasileira, sofre importante influência da antroponímia de origem germânica, não só no que se refere à incorporação recorrente de elementos formativos desse étimo, como também no que diz respeito à sua configuração morfológica essencialmente bitemática. Este estudo se esteia nos pressupostos da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2010) e da Gramática das Construções (Goldberg (1995) e Gonçalves (2016)). Como resultado, pode-se afirmar que o estudo encontrou um conjunto bastante amplo de dados que parecem sustentar a hipótese biformativa na neologia antroponímica brasileira.

Palavras-chave: Antroponímia; Biformatividade; Morfologia construcional

Abstract: *The present study is part of the hypothesis that the phenomenon of anthroponymic neology, characteristic of the Portuguese language in its Brazilian variety, suffers important influence of original german anthroponymia, not only with regard to the recurrent incorporation of formative elements of this etym, as well as with respect to its essentially bitematic morphological configuration. This study was based on the Construction Morphology (BOOIJ, 2010), the Construction Grammar (Goldberg, 1995) and on the study of Gonçalves (2016). As a result, we can affirm that the study found a very broad set of data that seem to support the biformative hypothesis in brazilian anthroponymic neology.*

Keywords: Anthroponymy; Biformativity; Construction morphology

INTRODUÇÃO

O conhecimento acerca da organização e estruturação do léxico das línguas, do ponto de vista da cognição humana, tem encontrado avanços relevantes no âmbito da linguística cognitiva (LC) e da neurociência (Langacker (1987), Gardner et al. (1987), Bybee (2001), Geeraerts (2006), Geeraerts e Cuykens (2007), Evans (2007), Booij (2010), Arnon e Snider (2010), Monsalve et al. (2012), Grimm et al. (2017), entre outros).— Isso quer dizer que já se possui um grande número de informações de como as palavras são armazenadas na nossa mente e como é possível formar novas palavras a partir de modelos previamente conhecidos.

Para entender os processos que se pretende destacar nessa análise acerca dos nomes neológicos no Brasil, é preciso que se tome inicialmente dois conceitos fundamentais da organização hierárquica do léxico do ponto de vista da cognição: a esquematicidade e a frequência de uso, aos quais serão dedicadas a seção a seguir.

1 ESQUEMATICIDADE E FREQUÊNCIA DE USO

A esquematicidade é tomada por Langacker (1987, p. 73-75) como uma das mais centrais capacidades da cognição humana que se constitui através da habilidade de generalização, ou seja, esquemas linguísticos ou conceituais são extraídos a partir de generalizações que permitem selecionar partes relevantes de uma construção (linguística ou conceitual) e desprezar as menos relevantes. "Todos os conceitos humanos são esquemáticos em algum grau, abstraindo as diferenças das experiências ou pensamentos particulares nos quais se baseiam"¹. [tradução nossa] (TUGGY, 2007, p. 84)

¹ "All human concepts are schematic in some degree, abstracting away from the differences in the particular experiences or thoughts on which they are based."

Com base no que se sabe acerca da aquisição da linguagem, Booij (2012) afirma que esquemas morfológicos são adquiridos com base em um conjunto de palavras complexas memorizadas, isto é, palavras complexas totalmente especificadas. Assim, o falante do português primeiro adquire nomes individuais e, após uma exposição suficiente a um conjunto de palavras com semelhante formação, o esquema de nomes pode ser apreendido. Desse modo, após a incorporação de nomes como *Adalberto, Alberto, Roberto, Aguiinaldo, Arnaldo, Geraldo, Edgar, Edmar, Edmundo* ao seu léxico antroponímico, os falantes do português brasileiro teriam generalizado esquemas que permitiram a construção de nomes próprios neológicos como *Rosiberto, Rosualdo, Edrose*.

Segundo Booij (2010), esquemas construcionais podem ser descritos como capazes de: (i) especificar as informações previsíveis acerca das classes de itens lexicais complexos totalmente enquadrados no esquema, e especificar como novas palavras complexas podem ser construídas; e (ii) abarcar subesquemas que incorporam propriedades particulares adicionais ou apresentam propriedades mais específicas de subclasses de itens lexicais.

Esse modelo leva em consideração o fato de que o conhecimento de esquemas morfológicos abstratos depende do conhecimento e armazenamento mental de um conjunto de palavras complexas que instanciam esses padrões. Essa ideia se baseia na chamada *full entry theory* (teoria de entrada plena) (JAKENDOFF, 1997).

Então, esquemas morfológicos não devem ser vistos como mecanismos formais para alcançar representações lexicais maximamente particularizadas (por exemplo, lexicalizações idiossincráticas). Em vez disso, têm duas outras funções: por um lado, motivam a existência de um conjunto relevante de palavras complexas e, por outro, preveem como esse conjunto pode ser estendido. Assim sendo, esquemas também estruturam o léxico. Por exemplo, o esquema para antropônimos com o formativo *-aldo* define uma família de

palavras que compartilham propriedades comuns (nome de pessoa, masculino), portanto fornece uma estrutura parcial ao léxico antroponímico da língua.

A partir da concepção de que a gramática das línguas emerge do uso, um outro fator será de extrema importância para se compreender a organização das redes que constituem o léxico: a frequência de uso. Obviamente a frequência enquanto um importante fator para a construção da gramática de uma língua perpassa a compreensão da relevância do aspecto pragmático e discursivo para o funcionamento dessa gramática.

O modelo baseado no uso é um modelo de representação gramatical no qual o uso da língua determina a representação gramatical. Especificamente, a frequência de uso e a similaridade de forma e significado são fatores determinantes para a organização do conhecimento gramatical na mente. (CROFT, 2007, p. 499)² [tradução nossa]

Em termos básicos, pode-se afirmar com Brown (1965), Rosch et al. (1976), Downing (1977) e Bybee (1995) que quanto mais frequente for um constructo linguístico mais entranhado (cf. *entrenchment*) ele estará na gramática da língua e vice-versa.

Com base nas propostas de Bybee (1985, 1995, 2001), Croft argumenta que uma das hipóteses relevantes para a teoria da língua baseada no uso, adotada pela LC, é a de que “A produtividade de um esquema está relacionada à frequência das instanciações que servem de modelo para esse esquema”. (2007, p.499)³ [tradução nossa]. Isso quer dizer que a frequência de um dado formativo em várias instanciações determina a produtividade do esquema que será abstraído da generalização feita a partir desse elemento recorrente, assim, com Bybee (1985) argumenta-se que a frequência do modelo determina a produtividade de um esquema.

² “The usage-based model is a model of grammatical representation in which language use determines grammatical representation. Specifically, frequency of use and similarity of form and meaning are the determining factors for the structure of grammatical knowledge in the mind.”

³ “The productivity of a schema is a function of the type frequency of the instances of the schema.”

Somente nas décadas de 1990 e 2000, *Francisco* e *Francisca* obtêm uma queda de frequência, mas, ainda se encontram entre os 50 nomes mais populares no país. Destaca-se ainda que o formativo em questão recebe especial reforço, quando, na década de 1930, começam a surgir registros do nome *Francine*, oriundo do francês, que hoje encontra 24.176 registros distribuídos por todas as unidades federativas do Brasil.

A partir desses modelos bastante entranhados no sistema antroponímico brasileiro, pode-se generalizar um esquema biformativo para novos nomes:

$$[\text{Franc}(i)(s)_{F1}-Y_{F2}]_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa}]_{NP}$$

Esse esquema deu origem a, pelo menos, 31 neologismos antroponímicos registrados pelo IBGE⁴:

Tabela 1 – Brasileirismos com o formativo *Franc(i)(s)-*

Nome	Hipótese biformativa	Frequência	Ano de surgimento	UF mais frequente
Francinelton	Franci- -nelton	57	-	-
Francinide	Franci- -nide	46	-	-
Francinldo	Franci- -nldo	42	-	-
Francislai	Francis- -lai	26	-	-
Francitonia	Franci- -tonia	30	-	-
Francília	Franc- -ília	481	1940	MA
Francinaldo	Franci- -naldo	20.958	1940	PB
Francineide	Franci- -neide	18.433	1940	RN
Francivaldo	Franci- -valdo	10.282	1940	MA
Franciele	Franci- -ele	112.501	1950	PR
Francileide	Franci- -leide	4.800	1950	RN
Francilio	Franc- -ilio	942	1950	PI
Francinei	Franci- -nei	4.599	1950	AM
Francineldo	Franci- -neldo	345	1950	CE
Francinildo	Franci- -nildo	3.332	1950	RN
Franciana	Franci- -ana	1.773	1960	PI
Franciane	Franci- -ane	19.502	1960	AM
Francicleide	Franci- -cleide	2.162	1960	PB

⁴ Esses foram os nomes até agora encontrados numa lista de apenas 500 nomes fichados pelo projeto *Novo Dicionário de nomes em uso no Brasil*, que pretende fichar 40 mil nomes.

Francimara	Franci- -mara	3.220	1960	AM
Francinalda	Franci- -nalda	1.800	1960	PB
Francinalva	Franci- -valda	2.762	1960	MA
Francinilton	Franci- -nilton	376	1960	CE
Francivalda	Franci- -valda	658	1960	AP
Francicleia	Franci- -cleia	764	1970	AC
Franciela	Franci- -ela	1.461	1970	SC
Francielle	Franci- -elle	7.271	1970	PR
Francislane	Francis- -lane	696	1970	PI
Francelle	Franc- -elle	87	1980	MG
Francila	Franc- -ila	143	1980	CE
Francille	Franc- -ille	223	1980	PR
Franciyelle	Francy- -elle	368	1980	GO

Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre esses neologismos, é importante destacar que sua produção tem início na década de 1940 (*Francinaldo*, *Francivaldo*, *Francilia* e *Francineide*), sendo outros 6 da década de 1950, 8 da década de 1960 e 4 em cada década subsequente (70, 80). Acerca da frequência, destaca-se que alguns neológicos passam a ser incorporados ao sistema antroponímico reforçando o modelo: na casa dos 6 dígitos de registros está *Franciele*, na casa dos 5 dígitos existem *Francinaldo*, *Franciane*, *Francineide* e *Francivaldo*, sendo três deles também os mais antigos (*Francinaldo*, *Francineide* e *Francivaldo*).

Ressalta-se ainda que é patente a construção biformativa dessas instanciações, sendo que, em alguns, se adicionam a formas que são recorrentes como formas presas em outros antropônimos como: *-ana*, *-ane*, *-ela*, *-ele*, *-lai*, *-lane*, *-neldo* e em outros se adicionam formas livres, que ocorrem como prenomes da língua, como: *Cleia*, *Cleide*, *Leide*, *Mara*, *Neide*, *Valda*, *Valdo*. O caso de *Francitonia* chama atenção pelo fato de *-tonia* não parecer ser um elemento recorrente em variadas formações antroponímicas, indicando que possa se tratar de um cruzamento vocabular, bastante sugestivo entre os nomes no Brasil que unem nomes de pai e mãe.

Em suma, o modelo, inicialmente tomado de *Francisco*, *Francisca* e *Francine*, passa a ser reforçado, ao longo das décadas, por novos prenomes que

também passam a se difundir por todas as unidades federativas do país. Considera-se, então, que estão implicadas nessas construções tanto a frequência de uso quanto a esquematicidade que se atribui ao formativo *Franci-*.

Nas seções subsequentes, será tratada, em primeiro lugar, a hipótese biformativa como modelo de maior destaque na formação de nomes neológicos no Brasil, implicado pelos fenômenos da esquematicidade e da frequência e, em sequência, analisar-se-á como o modelo biformativo se faz presente nos antropônimos neológicos implicando no uso de diferentes processos genolexicais, tanto concatenativos quanto não concatenativos.

2 EM TORNO DA HIPÓTESE BIFORMATIVA

Em relação aos esquemas que formam nomes próprios no Brasil, destaca-se a hipótese de que, em sua maioria, eles se utilizam de uma estrutura biformativa, advinda do modelo bitemático dos nomes de origem germânica. Essa hipótese se baseia em dois argumentos: 1) os nomes de origem germânica, que nos foram legados pelo processo de colonização ou incorporados posteriormente por influências de línguas estrangeiras como o francês ou o inglês, apresentam um amplo conjunto de exemplos capazes de fornecer bases para generalizações *esquemáticas* e 2) o modelo de nomes de origem germânica encontra no português uma *frequência* bastante significativa para que os considerem amplamente entranhados ao sistema antroponímico brasileiro, sendo cada vez mais reforçado pelas construções inovadoras.

Piel (1960) explica que o sistema de nomeação germânico, assim como o grego e o indo-europeu, normalmente utilizava uma formação bitemática, em que dois elementos do léxico comum se unem para formar um composto personativo, como no caso de *Teodorico* (*Teodo* “povo” + *rikus* “rico, poderoso”), podendo o segundo componente ser amputado (*Teoda*) ou substituído por um sufixo (*Teod-* + *-ila*).

Essa observação acerca do processo formativo dos nomes de origem germânica pode ser também atestada pelo levantamento que foi realizado no Tomo II referente aos nomes próprios do *Dicionário etimológico da língua portuguesa* (1952), de Nascentes, em que foram encontrados cerca de 450 nomes cujo étimo é registrado como de origem germânica (apontados em sua entrada como “Do germânico” ou “Do gótico”). Dentre esses, é possível verificar que um percentual de cerca de 86% apresenta uma estrutura bitemática, como:

Quadro 1 – Antropônimos a partir da recuperação etimológica dos formativos germânicos

ADALFREDO: Do germânico <i>athal</i> , al. mod. <i>edel</i> , <nobre> e <i>frid</i> , al. mod. <i>Friede</i> , <paz>
ADALBERTO: Do germânico <i>athal</i> , al. mod. <i>edel</i> , <nobre> e <i>bertho</i> , <brilhante>
ARNALDO: Do germânico <i>Aar</i> , <águia> e <i>wald</i> , <forte, potente>

Fonte: Adaptado de Rodrigues, 2016, p.25.

No que diz respeito aos prenomes de caráter neológico vernacular no Brasil, é patente a recorrência de construções biformativas como se observa na tabela referente aos nomes formados através do esquema de FRANC(I)(S)-. No sistema antroponímico brasileiro, a biformatividade decorre tanto do emprego de temas do léxico comum, a exemplo de *Brisamar* (1), *Luzimar* (36), *Mariluz* (5), *Rosaflor* (2), *Rosaluz* (2), quanto com o emprego de formativos próprios do sistema onomástico pessoal, como *Cristinaldo* (23), *Carlealdo* (2), *Francleide* (41), *Julisson* (5), *Narajulia* (2), *Analice* (54); ou ainda, através de combinações de temas comuns com formativos antroponímicos, como *Analuz* (13), *Flormaria* (6), *Luzana* (5) e *Luzemilia* (1)⁵.

⁵ Todos os exemplos foram coletados no Facebook e o número ao lado corresponde à quantidade de pessoas identificadas com esse prenome na rede social.

A hipótese da prevalência de estruturas biformativas tem encontrado respaldo no conjunto de dados analisados por nosso grupo de pesquisa⁶.

O termo biformativo substitui o termo bitemático empregado tradicionalmente para se referir aos antropônimos de origem germânica que utilizam, em sua grande maioria, esse processo morfológico construcional. Essa opção terminológica se dá por que nem sempre é possível encontrar um tema, isto é, uma forma livre na língua que faça parte da construção antroponímica neológica, pois, muitas vezes, o que se tem são formas presas, que apresentam grande recorrência no sistema de nomeação de indivíduos, em posições mais ou menos estáveis, tal como um afixo. Ademais, também é importante considerar que a terminologia empregada pela morfologia lexical tradicional não parece se encaixar, de forma elegante e eficiente, aos pressupostos teóricos/descritivos da morfologia construcional aplicada aos antropônimos.

Por outro lado, é preciso destacar que o termo formativo vem substituir aquilo que a tradição morfológica reconhece como morfema, uma vez que vem a designar os elementos passíveis de apreensão em uma análise mórfica de nomes próprios. Essa opção está relacionada à compreensão sobre a organização do léxico no âmbito da linguística cognitiva, entendendo que formativos são elementos básicos de esquemas construcionais que, por sua vez, permitem o pareamento entre forma e significado/função.

Desse modo, os esquemas construcionais biformativos dos antropônimos neológicos no Brasil, segundo parâmetros da morfologia construcional de Booij (2010), pode ser descritos formalmente como:

$$[[X]_{F1} [Y]_{F2}]_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa}]_{NP}$$

por exemplo:

$$[[\text{Franci}]_{F1} [\text{ele}]_{F2}]_{NP} \leftrightarrow [\text{nome de pessoa feminino}]_{NP}$$

⁶ O *Projeto Novo Dicionário de Nomes em Uso no Brasil* integra atualmente um conjunto de dez professores pesquisadores e 12 alunos pesquisadores.

[[Franci]_{F1} [valdo]_{F2}]_{NP} ↔ [nome de pessoa masculino]_{NP}

2-3 PROCESSOS CONCATENATIVOS E NÃO CONCATENATIVOS EM CONSTRUÇÕES BIFORMATIVAS DE ANTROPÔNIMOS NO BRASIL

Com relação ao comportamento distribucional dos formativos antroponímicos, eles podem apresentar considerável estabilidade, sempre ocupando a margem direita (como: *-ano* (*Carleano*), *-ete* (*Nilzete*), *-ino* (*Ivino*), *-ice* (*Julice*) etc.) ou a margem esquerda dos prenomes (como: *Ad-* (*Adeval*), *Ed-* (*Edval*), *Jo-* (*Joelson*) etc.) ou podem, ainda, ter mobilidade distribucional (como: *Ild-* (*Ildete*) ~ *ild-* (*Roquildes*), *Mir-* (*Miralva*) ~ *-mir* (*Josemir*), *Van-* (*Vanilda*) ~ *-van* (*Ronivan*) etc.)⁷.

Do ponto de vista dos processos de construção, os prenomes neológicos apresentam significativa variedade de esquemas tanto de natureza concatenativa (utilizando elementos cujo estatuto morfológico já está convencionalizado na língua) quanto de natureza não concatenativa (utilizando formativos oriundos de partes de vocábulos – comuns ou próprios – que não são reconhecidos na língua como componentes morfêmicos).

Sobre os esquemas de natureza concatenativa são recorrentes os de tipo composicional, como alguns já referidos acima, a exemplo de *Brisamar*, *Flormaria*, *Luzimar*, *Mariluz*, *Rosaflor*, *Rosaluz*, bem como os de tipo afixal, como *Carleano*, *Gildina*, *Julianete*. Nesses casos, os processos construcionais podem lançar mão tanto de formativos próprios do sistema onomástico, quanto de formativos do sistema lexical comum.

Para analisar um conjunto de nomes que podem ser considerados como formados por processo de composição, tomou-se como referência o nome *Ana* que se presta bastante a esse tipo de construção:

⁷ Todos os prenomes usados como exemplos têm registro no Brasil, verificados ou no *site Nomes no Brasil*, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística ou no Facebook.

Tabela 2 – Brasileirismos compostos com o formativo *Ana*

Nome	Hipótese biformativa	Frequência	Ano de surgimento	UF mais frequente
Anabela	Ana- -bela	788	1950	CE
Anabia	Ana- -bia	95	1980	RN
Anacelia	Ana- -celia	735	1950	PI
Anacília	Ana- -cília	64	-	-
Anaclara	Ana- -clara	608	1990	MT
Anacleide	Ana- -cleide	415	1960	PB
Anaísa	Ana- -isa	1.158	Antes de 1930	PB
Anajulia	Ana- -julia	388	1990	ES
Analara	Ana- -lara	68	2000	SP
Analeia	Ana- -leia	164	1960	PA
Analeide	Ana- -leide	124	1960	MA
Analice	Ana- -(a)lice	16.400	Antes de 1930	PB
Analinda	Ana- -linda	55	-	-
Analine	Ana- -(a)line	1.038	1970	PB
Analuz	Ana- -luz	110	2000	RJ
Analva	Ana- -(a)lva	71	1960	SP
Anamália	Ana- -(a)mália	37	1930	RJ
Anamara	Ana- -mara	400	1960	AM
Anamaria	Ana- -maria	1.326	1930	RS
Anamélia	Ana- -(a)mélia	535	1940	PB
Ananeide	Ana- -neide	37	-	-
Ananice	Ana- -nice	63	-	-
Ananilda	Ana- -nilda	29	-	-
Anarosa	Ana- -rosa	74	1960	SP

Fonte: Elaborado pela autora.

Observe-se, sobre esse conjunto de dados, que a maior parte deles se constrói com dois prenomes sem que haja modificações fônicas, excetuando-se os casos de aglutinação, via crase, em *Ana- -(a)lice*, *Ana- -(a)line*, *Ana- -(a)mália* e *Ana- -(a)mélia*. Assim sendo, os formativos da segunda posição revelam-se, em sua grande totalidade, prenomes autônomos na língua; mesmo *Cília*, que a princípio poderia nos parecer uma forma presa, encontra 573 registros como forma livre, segundo o IBGE. Destacam-se, em antiguidade, os nomes *Anaísa* e *Analice* com registros anteriores a 1930. Também esses estão entre os mais frequentes junto com *Analine* e *Anamaria*.

Sobre as construções biformativas com formas presas, selecionou-se um elemento bastante frequente em nomes neológicos: o formativo *-ane*, forma de origem francesa variante do formativo de origem latina *-ana*:

Tabela 3 – Brasileirismos afixais com o formativo *-ane*

Nome	Hipótese biformativa	Frequência	Ano de surgimento	UF mais frequente
Carlane	Carl(a)- -ane	848	1970	BA
Claudiane	Claudi- -ane	24.847	1950	AL
Clediane	Cleidi- -ane	26.227	1960	PA
Cleusane	Cleus(a)- -ane	55	1970	MG
Evane	Ev(a)- -ane	889	1940	MA
Flaviane	Flávi(a)- -ane	15.499	1960	MG
Franciane	Franci- -ane	19.502	1960	AM
Graciane	Graci- -ane	7.150	1940	AP
Josane	Jos- -ane	3.899	1950	MA
Joseane	Jose- -ane	66.096	1940	SE
Juciane	Juci- -ane	7.009	1960	AM
Kariane	Kari- -ane	1.164	1970	AC
Leidiane	Leide- -ane	764	1970	AC
Luzane	Luz- -ane	186	1960	BA
Luziane	Luzi- -ane	12.151	1950	MA
Natiane	Nati- -ane	1.217	1970	MA
Roseane	Rose- -ane	52.237	1940	AL

Fonte: Elaborado pela autora.

Desse conjunto de antropônimos brasileiros, ressalta-se a importância de *Joseane* e *Roseane*, ambos da década de 1940 e de maior frequência entre os dados aqui analisados, servindo como modelos ótimos para novas construções. Destaca-se também que, dentre os formativos da primeira posição, encontram-se constituintes bastante recorrentes no sistema antroponímico brasileiro, sendo possível encontrar quase todos como formas livres na língua (quando se abstrai os processos aglutinantes). Vale ainda observar que esses nomes apresentam altíssima frequência na região nordeste do Brasil, muito embora, aqueles de maior incidência já estejam totalmente difundidos pelo país.

Dentre os processos identificados como não concatenativos, o mais comumente abordado nos manuais de morfologia é a hipocorização, que se

refere ao processo em que se reduz o nome por perda fônica (aféreses, síncopes e apócpes) ou, ainda, por reduplicação de sílabas tônicas ou átonas do nome. De acordo com Gonçalves (2006, p. 8), é um processo morfológico pelo qual “[...] antropônimos são encurtados afetivamente, resultando numa forma diminuta que mantém identidade com o prenome ou com o sobrenome original”. Muitos prenomes neológicos no Brasil têm surgido desse processo, por exemplo: *Cacá, Cau, Dedé, Ed, Fafá, Mari, Nina, Titi, Zé, Zezé* etc. Nesse caso, não serão feitas análises particulares por não se tratarem de construções biformativas nos moldes construcionais que estão previstos nesse nosso estudo.

Os cruzamentos vocabulares, também identificados como palavras-valise (Alves, 1990) e *blends* (Fendrych, 2008), são também processos não concatenativos frequentes entre os neologismos antroponímicos no Brasil. Embora surjam da fusão de duas palavras-matrizes e, por esse motivo, podem se parecer com processos de composição por aglutinação, os cruzamentos vocabulares possuem alguns aspectos importantes que os diferenciam da composição. Em primeiro lugar, as aglutinações em compostos parecem ser processos que decorrem de erosão fônica de palavras justapostas ao longo do tempo, sendo, portanto, fruto de uma evolução histórica. Já os casos dos cruzamentos vocabulares parecem decorrer da imediata alteração no corpo fônico dos vocábulos envolvidos na formação. Desse modo, pode haver:

1) Entranhamento lexical: com superposição fonológica do tipo *burrocracia* (*burro + burocracia*) e, no caso de antropônimos, tem-se: *Antonor* (*Antônio + Antenor*), *Suzandro* (*Suzana + Sandro*);

2) Combinação truncada: em que as duas palavras sofrem truncamento e então são combinadas do tipo *portunhol* (*português + espanhol*). Em antropônimos, esse tipo é bastante comum na combinação de nomes de pai e mãe para criar novos nomes de filhos, como *Adilan* (*Adilson + Ana*);

Edívia (Edson + *Olívia*); *Julícia* (*Juliana* + *Letícia*); *Luzemile* (*Luiza* + *Emílio*); *Orlângela* (*Orlando* + *Rosângela*); *Valdilane* (*Valdir* + *Elane*);

3) Substituição lexical: com a reinterpretação morfológica de uma das partes do vocábulo, do tipo *boadrasta* (em que *madrasta* é reinterpretada morfológicamente como sendo composta do adjetivo *má* + um formativo *-drasta*). Na antroponímia, é possível identificar os casos de *Benjamim* > *Beijamim* e *Lindomar* > *Belomar*⁸.

Em segundo lugar, os cruzamentos vocabulares, sobretudo no caso dos antropônimos, possuem muito menos transparência do que os compostos. Comparem-se, então, os casos de composição: *Anajulia*, *Rosaflor*, *Luzmaria*, *Maraclara* e *Analuz* com os cruzamentos vocabulares: *Adilan*, *Edívia*, *Julícia*, *Orlângela*, *Valdilane*. Nesses últimos exemplos, caso não se tenha o relato dos criadores dos nomes, não é possível ter certeza de quais nomes estão implicados na combinação, de modo que se pode apenas supor.

Tabela 4 – Brasileirismos formados por cruzamento vocabular

Nome	Hipótese biformativa	Frequência	Ano de surgimento	UF mais frequente
Adilan	Adi(lson)- -an(a)	202	1970	BA
Antonor	Anto(nio)- -(Ante)nor	29	-	-
Beijamim	Beija- -(Benja)mim	1.489	Antes de 1930	TO
Belomar	Belo- -mar	20	-	-
Edívia	Ed(son)- -(Ol)ívia	26	-	-
Julícia	Juli(ana)- -(Let)ícia	39	-	-
Luzemile	Lu(i)z(a)- -emil(io)e	1	-	-
Orlângela	Orl(ando)- -(Ros)ângela	22	-	-
Suzandro	Suz(ana)- -(S)andro	1	-	-
Valdilane	Vadi(r)- -(Ed)lane	322	1970	AM

Fonte: Elaborado pela autora.

⁸ Alguns dos nomes arrolados como exemplos de cruzamento vocabular não encontram registro no site do IBGE, mas foram levantados a partir de contato pessoal com os portadores dos nomes que esclareceram o seu processo formativo. Contudo, alguns desses nomes que são mais recorrentes, como *Adilan*, provavelmente não possuem o mesmo histórico de formação para todos os registros.

Há, certamente, um número muito maior de cruzamentos vocabulares no sistema antroponímico do português brasileiro, haja vista que a fusão de dois nomes de parentesco ou de figuras de homenagem é um processo construcional reconhecido, pelos falantes, como recorrente entre prenomes no Brasil. Todavia, como informado, esses casos são muitas vezes opacos quanto aos seus nomes geradores, por exemplo, *Francitônia*, que nos parece ser um caso de cruzamento vocabular, seria uma fusão de *Antônia* com que outro nome: *Francisco*, *Francisca*, *Francine*, *Francélio*, *Francleide* ou com qualquer outro nome que comporte o formativo *Franci-*?

Deixando de lado a questão da opacidade, é importante notar que os cruzamentos vocabulares merecem destaque por serem, também, construções biformativas, que, por sua vez, levam a singularidade de gerar mais alterações fônicas que os outros processos construcionais aqui analisados.

O terceiro processo não concatenativo atuante na formação de nomes neológicos no Brasil é o que se tem designado como *splinter*. O sentido mais geral do substantivo *splinter* em inglês pode ser descrito como “peças/lascas de um material que foi quebrado em pedaços grandes”. A aplicação do termo à morfologia vem claramente de uma extensão de sentido de natureza metafórica, uma vez que palavras são entendidas como materiais que podem ser quebrados. Assim, *splinter* designa o fenômeno que consiste em tomar partes de palavras (não identificadas como morfemas) para, a partir delas, formar outras palavras. Nas palavras de Lehrer (1998), *splinter* é um pedaço, não necessariamente morfêmico, tomado de uma forma modelo, que aparece em novas construções lexicais como, por exemplo, *-gate* (*Watergate*, *irangate* etc.) e *-thon* (*marathon*, *bikathon* etc.).

Gonçalves (2016) trata os *splinters* como novos formativos que surgem na língua, categorizando-os, com base em Szymanek (2005), como afixos que, por si só, se estabelecem nas línguas, pois os falantes começam a percebê-los como tal a partir de um grupo de palavras existentes (nativas ou estrangeiras).

Os *splinters* podem advir de processos de truncamento ou de cruzamento vocabular. Para tanto, basta que o formativo em questão assuma tal capacidade produtiva na língua de modo que passe a ser reconhecido como um constituinte morfológico e a ser utilizado para a instanciação de uma série de itens lexicais. Novamente, vê-se aqui o papel determinante da frequência de uso, pois será esse fator que resultará no estabelecimento de esquemas construcionais altamente produtivos.

No léxico comum, há uma série de exemplos desse fenômeno, divididos por Gonçalves (2016) em dois grupos: os não nativos (xenoconstituintes), como *cyber-* (de *cybernetics* > *ciberataque*, *ciber café*...); *wiki* (de *Wikipédia* > *wikinovela*, *wikimapia*...); *-tube* (de *YouTube* > *pornôtube*, *brasileirãotube*...); *-burguer* (de *hambúrger* > *X-burguer*, *franburguer*...) etc., e os nativos, como *-drasta* (de *madrasta* > *sogradrasta*, *tiadrasta*...), *-trocínio* (de *patrocínio* > *paitrocínio*, *autotrocínio*...); *caipi-* (de *caipirinha* > *caipiroska*, *caipifruta*...); *info-* (de *informática* > *infopeças*, *infoprofessor*...); *-roska* (de *caipiroska* > *kiwiroska*, *abacaxiroska*, *maronagoroska*...) etc. Por esses exemplos, pode-se perceber que o “pedaço quebrado” da palavra para se tornar um novo formativo não corresponde a um elemento morfêmico da língua, no entanto, ao assumirem o papel de formativo, passam a compor esquemas construcionais em que se torna previsível tanto o seu comportamento formal quanto semântico. Veja, por exemplo, o esquema construcional para as formas em *-nejo*, analisadas por Oliveira (2017), de *sertanejo* > *pagonejo*, *funknejo*, *forronejo*, *lambanejo* etc.:

[[X-nejo]]s ↔ [gênero musical sertanejo relacionado ao gênero musical X]]s

Em relação a esse tipo de esquema, ressalta-se que as formas que ocupam a posição em X podem se tratar de formas livres na língua, como *forró* e *funk*, mas também podem ser truncamentos (reduções) de formas livres como *pagode* (de *pagode*) e *lamba-* (de *lambada*).

A formação de *splinters* é, portanto, um fenômeno recorrente no léxico comum da língua portuguesa e não há motivos para que se imagine que ele não possa ocorrer também no léxico onomástico. Em Soledade e Simões Neto (2018), artigo que investiga as construções *X-son* do ponto de vista sócio-histórico, morfológico e construcional no português brasileiro, os autores demonstram, com base nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que antes mesmo que o esquema construcional para antropônimos com o formativo *-son* ganhasse produtividade entre os nomes neológicos no Brasil, os *splinters -ilson ~ -elson*, destacados dos nomes/modelos *Nilson* e *Nelson*, já encontravam grande repercussão na neologia antroponímica brasileira, por exemplo: *Adilson*, *Deilson*, *Joilson* etc.

Observando o conjunto de exemplos a seguir, pode-se perceber que o esquema construcional biformativo também se faz presente nas construções com o *splinter -ilson ~ -elson*.

Tabela 5 – Brasileirismos formados pelo *splinter ilson ~ -elson*

Nome	Hipótese biformativa	Frequência	Ano de surgimento	UF mais frequente
Adelson	Ad- -elson	30.498	Antes de 1930	AM
Ademilson	Adem- -ilson	21.675	1930	MT
Adilson	Ad- -ilson	155.430	Antes de 1930	SC
Alailson	Ala- -ilso	2.391	1950	PA
Amailson	Ama- -ilson	236	1970	PA
Deilson	De- -ilson	3.479	1940	MA
Denilson	De- (n) -ilson	74.473	1930	MA
Dielson	Di- -elson	2.704	1940	AM
Duilson	Du- -ilson	55	-	AM
Edielson	Edi- -elson	6.546	1940	AM
Edimilson	Edi-(m)-ilson	46.382	Antes de 1930	PI
Elielson	Eliel- -elson	14.175	1940	AM
Genilson	Gen- -ilson	32.977	1930	SE
Gidaelson	Gida- -elson	-	-	-
Joelson	Jo- -elson	37.977	1930	PA
Joilson	Jo- -ilson	21.080	1930	BA
Nailson	Na- -ilson	8.063	1940	SE
Natailson	Nata- -ilson	112	1980	MA
Nerilson	Ner- -ilson	220	1960	PE

Renilson	Rem- -ilson	11.297	1940	BA
Ronielson	Roni- -elson	1.982	1970	AM
Ronilson	Ron- -ilson	15.598	1940	MA

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesses casos, é relevante notar que entre os formativos da primeira posição percebe-se a presença de formas livres (ainda que hipocorísticas) como *Jo* e *Roni*, mas também a presença de formativos que são recorrentes em nomes próprios, sempre ocupando a margem esquerda, como *Ad(i)-*, *Den(i)-*, *Ed(i)-* etc. Mas também é possível encontrar formativos de baixa frequência entre os antropônimos como *Ala-*, *Gida-* e *Ner-*, que parecem ser quebras não morfêmicas de outros prenomes. Entre as ocorrências é importante salientar os nomes *Adilson*, *Adelson* e *Edmilson* que se encontram entre os primeiros a serem registrados no país (antes de 1930) e também entre os mais frequentes, se tornando modelos ótimos para reforçar a produtividade do esquema, estando presentes em todas as unidades federativas do país, embora predominem nas regiões norte e nordeste.

Posteriormente, a partir da década de 1940, segundo os nossos dados, também se tomará de *Anderson*, *Emerson*, *Jeferson*, o *splinter -erson*, dando origem a vários nomes brasileiros, como- *Deverson*, *Djanderson*, *Joerson* etc..

Tabela 6 – Brasileirismos pelos *splinters X-erson ~ X-irson*

Nome	Hipótese biformativa	Frequência	Ano de surgimento	UF mais frequente
Deverson	Dev- -erson	744	1970	MT
Djanderson	Djand- -erson	-	-	
Enderson	End- -erson	4.570	1950	AM
Jamerson	Jam- -erson	8.794	1940	AL
Jeanderson	Jean(d)- -erson	4.190	1970	BA
Joerson	Jo- -erson	64	-	-
Maerson	Ma- -erson	36	-	-
Ueverson	Uev- -erson	460	1970	RO
Wivirson	Wiv- -irson	1	-	-

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesses casos, notam-se, na primeira posição, formativos que parecem ser quebras não morfêmicas de outros prenomes. Também é importante destacar que embora os nomes mais frequentes estejam amplamente difundidos pelo território nacional, é, novamente, no norte e nordeste onde eles predominam.

Por último, a fim de corroborar a hipótese das construções biformativas apresenta-se um conjunto de nomes que poderiam ser analisados como construções triformativas, contudo, essa hipótese pode ser descartada se considerar o fato de que na segunda posição encontram-se formas livres na língua, ou seja, nos constructos da tabela a seguir assume-se que o que os dados apresentam são prenomes já gerados por um processo biformativo aos quais se adicionam constituintes antroponímicos na primeira posição, mantendo-se o esquema F₁+ F₂.

Tabela 7 – Brasileirismos com afixos na primeira posição

Nome	Hipótese biformativa	Frequência	Ano de surgimento	UF mais frequente
Adinailson	Adi+ nailson (na+ ilson)	138	1970	BA
Dioandson	Dio+ andson (and + son)	1	-	-
Edjamilson	Ed+ jamilson (jamil+son)	1	-	-
Eliandson	Eli + andson (and + son)	29	-	
Gilmeikson	Gil + meikson (meik + son)	1	-	-
Joadson	Jo + adson (ad+ son)	1.673	1970	BA
Joedson	Jo + edson (ed + son)	4.595	1950	BA

Fonte: Elaborado pela autora.

A hipótese de que sejam construções biformativas é também validada pela frequência dos prenomes que ocupam a segunda posição, como se pode observar pelo número de registros desses nomes no Brasil (*Nailson*, 8.063; *Andson*, 1.265; *Adson*, 12.453; *Jamilson*, 5.261; *Meikson*, 47; *Edson*, 431.543), todos possuem uma frequência muito superior às instâncias elencadas na tabela.

À guisa de conclusão

Retomando o ponto de partida deste artigo: a hipótese do modelo bitemático germânico, dando origem ao modelo biformativo brasileiro, vê-se que Rodrigues, em análise primária das atas de filiação à Ordem Terceira do Carmo, em Salvador, na Bahia, começa a encontrar, na primeira metade do século XX, nomes como *Adalinda*, *Ivanildo*, *Everaldo*, *Hildete* e *Wiveraldo*. É patente o uso de formativos de origem germânica nesses brasileirismos (*Adal-*, *-ildo*, *-aldo* e *Hild-*), bem como entre os mais antigos nomes criados no Brasil analisados nesse estudo, em que se encontram formativos *Ad-* (*Adilson*, *Adelson*, antes de 1930), *Ed-* (*Edmilson*, antes de 1930), *Franc(i)(s)-* (*Francilia* e *Francineide*, 1940), *-naldo* (*Francinaldo*, 1940), *-valdo* (*Francivaldo*, 1940), todos de origem germânica.

Assim, alguns desses formativos, a exemplo do *Franc(i)-*, assumirão no Brasil tal recorrência entre nomes neológicos que, provavelmente, classificá-lo como um *splinter*, tomado do antropônimo tradicional *Francisco*, seja a forma mais adequada de análise. Por sua vez, um formativo como *berg-*, tomado de *Gutenberg*, que forma poucos nomes como *Ivanberg* e *Josemberg*, pode ser tratado como atuante em casos de cruzamento vocabular.

Em suma, são também os processos não concatenativos os grandes responsáveis pela neologia antroponímica no Brasil. Muito embora esses fenômenos sejam usualmente classificados como processos marginais de formação de palavras e que não costumem figurar, com nenhum grau de centralidade, nos estudos da morfologia lexical tradicional, não parece que se possa deles prescindir para descrever o comportamento genolexical dos prenomes criativos brasileiros.

Em todo o caso, independentemente do processo por trás das criações desses antropônimos, algumas coisas podem-se ter como certeza, a saber: é do conjunto de nomes herdados da tradição portuguesa, e de empréstimos posteriores que se tornaram frequentes, que o brasileiro fará generalizações

permitindo a elaboração de esquemas construcionais antroponímicos que levam em conta a estrutura biformativa como básica.

Embora a linguística cognitiva trate a formação de palavras a partir do axioma da centralidade do significado e que esse aspecto não seja capaz de trazer grande impacto nas análises dos nomes próprios, haja vista sua opacidade semântica em termos lexicais, é possível compreender que a visão cognitiva dos processos de formação de palavras é capaz de contribuir para a descrição dos prenomes neológicos em português. Primeiro porque as análises cognitivas de processos genolexicais se desenvolvem a partir da noção de esquemas, discutida aqui no início desse estudo; segundo porque entende que itens lexicais podem ser constituídos por constituintes que podem ou não receber o estatuto de morfema, incorporando à morfologia as noções de processos não-concatenativos de formação de palavras; por fim, ao incorporar o fator frequência como essencial para a generalização e a produtividade de esquemas possibilita a compreensão de como é possível instanciar uma série de nomes próprios inovadores com formativos recorrentes dentro do sistema antroponímico.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

ARNON, I., e SNIDER, N. More than words: Frequency effects for multi-word phrases. *Journal of Memory and Language*, v. 62, p. 67–82, 2010.

BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOOIJ, Geert. Morphology in Construction Grammar. In: HOFFMANN, Thomas, GRAEME, Trousdale. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

BRASIL, IBGE. *Nomes no Brasil*. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/nomes/#/search>. Acesso em: 29 out. 2017.

BROWN, Roger. *Social psychology*. New York: Free Press, 1965.

BYBEE, Joan L. *Morphology: A study of the relation between meaning and form*. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

BYBEE, Joan L. Regular morphology and the lexicon. *Language and Cognitive Processes*, v. 10, p. 425–55, 1995.

BYBEE, Joan L. *Phonology and language use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CROFT, William, Construction grammar. In: GEERAERTS, Dirk e CUYKENS, Hubert. *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, p. 463-508, 2007.

DOWNING, Pamela. On 'basic levels' and the categorization of objects in English discourse. *Berkeley Linguistics Society*, v. 3, p. 475–87, 1977.

EVANS, Vyvyan. *A glossary of cognitive linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

FENDRYCH, Ingrid. 2008. Submorphemic elements in the formation of acronyms, blends and clippings. In: *Lexis: E-Journal in English Lexicology*: 103–121. Lyon. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/lexis/713#tocfrom1n1>>. Acesso em: 10 jan. 2018.

GARDNER, M. K., ROTHKOPF, E. Z., LAPAN, R., e LAFFERTY, T. The word frequency effect in lexical decision: Finding a frequency-based component. *Memory & Cognition*, v. 15, p. 24–28, 1987.

GEERAERTS, Dirk. *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GEERAERTS, Dirk e CUYKENS, Hubert. *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá*, v. 21, p. 219–242, 2006.

GONÇALVES, Carlos Alexandre Victório. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016.

GRIMM, R., CASSANI, G., GILLIS, S., e DAELEMANS, W. Facilitatory effects of multiword units in lexical processing and word learning: A computational investigation. *Frontiers in Psychology*, v. 8, p. 789-814, 2017.

JACKENDOFF, Ray. *The architecture of the language faculty*. Cambridge: MIT Press, 1997.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of Cognitive Grammar, theoretical prerequisites*. v. 1, Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEHRER, Adrienne. Prefix in English word formation. In: *Folia Linguistica*, xxix /1-2, [S.l.], p. 133-148, 1998.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 3 v. Lisboa: Horizonte/Confluência, 1981.

MONSALVE, I. F., FRANK, S. L., e VIGLIOCCO, G. Lexical surprisal as a general predictor of reading time. In: DAELEMANS, W. (Ed.), *Proceedings of the 13th conference of the European chapter of the association for computational linguistics*. Avignon: Association for Computational Linguistics, p. 398–408, 2012.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa – Tomo II*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952.

OLIVEIRA, Ana Cristina Rosito. *As formações X-nejo no português do Brasil: uma análise construcional*. 2017. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). PPGL, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017

RODRIGUES, Leticia Santos. *Neologismos antroponímicos com base na utilização de formativos germânicos no Brasil*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

ROSCH, Eleanor et. al. Basic objects in natural categories. In: *Cognitive Psychology*, v. 8, p. 382–439, 1976.

SIMÕES NETO, N. A.; SOLEDADE, J. . Nomes masculinos X-son na antroponímia brasileira: uma abordagem morfológica, histórica e construcional. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 26, p. 1295-1350, 2018.

SZYMANEK, BOGDAN. The latest trends in English word-formation. In: ŠTEKAUER, P., LIEBER, R. (eds.). *The handbook of word-formation*, Netherlands: Springer, p. 429-448, 2005.

TUGGY, David. Schematicity. In: GEERAERTS, Dirk e CUYKENS, Hubert. *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. pp. 82-116.